

AUTISMO INFANTIL: PROPOSIÇÕES PARA MINIMIZAR IMPACTOS DO TRANSTORNO ENFRENTADO PELOS PAIS

Carlos GAIA
Universidade Federal do Pará
carlosgaia@ufpa.br

Resumo: O artigo discute a caracterização do Autismo Infantil. O objetivo é contribuir com proposições que visam minimizar impactos do transtorno autista enfrentado pelos pais. É um tema ainda pouco conhecido e timidamente estudado por especialistas de diversos segmentos da sociedade, principalmente nas instituições de ensino e de saúde. Tem como principais características o sério comprometimento do desenvolvimento das habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação e presença de comportamentos, interesses e atividades estereotipadas. O texto é de grande relevância para a área da educação por discutir sobre um transtorno comportamental que afeta a relação entre o sujeito autista e a família, a escola e outros segmentos sociais. Os dados têm origem em estudos reflexivos com embasamentos teóricos a partir de pesquisa bibliográfica em fontes teóricas físicas e virtuais, motivados a partir da disciplina ministrada no curso de pós-graduação em nível de mestrado acadêmico.

Palavras-Chave: Autismo. Família. Enfrentamento.

Abstract: This paper discusses the characterization of infantile autism. The aim is to contribute to proposals that seek to minimize impacts of autistic disorder faced by parents. It is a subject still little known and tentatively studied by experts from various segments of society, especially in educational institutions and health. Its main characteristics are the serious impairment of the development of reciprocal social interaction skills, communication skills and presence of behaviors, stereotyped interests and activities. The text is of great relevance to the field of education by discussing a behavioral disorder that affects the relationship between subject and autistic family, school and other social segments. The data come from studies with reflective Theoretical Foundation from literature sources in theoretical physical and virtual, motivated from the subject taught in the course of graduate-level academic master.

Keywords: Autism. Family. Combat.

Introdução

O texto apresenta discussão sobre o autismo infantil e focaliza para proposições de aspectos que podem se caracterizar como opções para minimizar impactos do transtorno autista infantil enfrentado pelos pais.

O autismo é considerado um transtorno que se caracteriza pelo desligamento do sujeito da realidade exterior pela sua criação mental de um mundo autônomo. Ao atingir o membro de um grupo familiar ele desencadeia o chamado estresse familiar e que atinge pai, mãe e às vezes até irmãos. É, pois, caracterizado pelo sério comprometimento do desenvolvimento das habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação e presença de comportamentos, interesses e atividades estereotipadas.

Entre as principais características do autismo infantil está a dificuldade de comunicação; de se relacionar socialmente; pouco ou nenhum contato visual; irregularidade de habilidades motoras; excesso de raiva, demonstrado sem causa; e dificuldade de aprendizado com tradicionais métodos de ensino. Distúrbios que podem afetar diretamente a relação familiar e escolar.

De acordo com o grau de gravidade do transtorno autista, uma criança pode apresentar problemas na fala, na aprendizagem, no relacionamento e até agressividade, podendo desencadear uma sobrecarga emocional excessiva aos pais, causando-lhes um alto grau de estresse, mais especificamente aos cuidadores diretos, que geralmente são as mães. Estas são diretamente expostas a tais problemas em função de passarem a maior parte do tempo com o paciente, o que conseqüentemente compromete sua vida social, conjugal e profissional.

Diante desse contexto, propomo-nos a apontar possíveis alternativas para minimizar o impacto do autismo na família, que consiste numa combinação de fatores e processos que podem ser duradouros e intensos para se obter melhoras em relação ao problema.

Baseados nos estudos de especialistas, tais como Savóia (1999), Lipp e Guevara (1994), Pereira (2001), Schimdt e Bosa (2002/2003), tecemos proposições, indicando que um dos primeiros passos para o sucesso no tratamento é a identificação precoce do transtorno na criança, seguindo-se do acompanhamento de profissionais que irão estabelecer a orientação

devida, que consiste nas estratégias de enfrentamento, aconselhamento informativo, programas de treinamento dos pais, suporte social e o uso de medicamentos, entre diversas alternativas, como tratamento psicoterápico.

1 Características do autismo infantil

Geralmente é caracterizado por uma interiorização intensa e fechamento sobre si mesmo, acompanhado por um pensamento desvinculado do real. O autismo infantil é um dos transtornos invasivos do desenvolvimento. Transtorno severo marcado pela incapacidade de se comunicar ou responder às outras pessoas. Segundo Schimdt e Bosa (2003), o autismo acarreta sérios danos ao desenvolvimento das habilidades de interação social recíproca, às habilidades de comunicação, bem como conduz a comportamentos, interesses e atividades estereotipadas.

Pode haver um sério comprometimento da consciência da existência dos outros (apatia ou ausência de sensibilidade em relação às necessidades e sofrimentos dos outros). Para Bosa (2002), além de as crianças autistas terem suas relações interpessoais prejudicadas, ainda apresentam uma grande preocupação com objetos materiais e diversas anormalidades de linguagem e de movimentos físicos.

O autismo infantil se desenvolve nos dois primeiros anos de vida. Os meninos são mais propensos a essa anomalia que as meninas. Para Amy (2001), as crianças em idade média inferiores aos dois anos apresentam algumas manifestações precoces que poderiam ser observadas pelos pais, como falta de interesse por brinquedos, desinteresse em partilhar objetos e experiências de que goste, pobre contato visual, intolerância a contato físico, posturas e medos infundados, problemas alimentares, movimentos e comportamentos estereotipados, pouca atenção a adultos, crises de birra, regressão ou atraso na linguagem, comportamentos obsessivos, falta de brincadeiras imitativas, interesses restritos e estereotipados e deficiência também na linguagem não verbal.

As crianças autistas muitas vezes se saem bem em testes de habilidades de manipulação ou visão espacial e são capazes de proezas mentais incomuns. Elas podem gritar quando seu lugar à mesa é mudado, insistir sempre em carregar um determinado objeto (como

uma borrachinha), repetir obsessivamente um comportamento (como bater palmas), entregar-se a comportamento autodestrutivo (como bater a cabeça). Algumas crianças autistas podem apresentar, inclusive, atraso ou falta total da fala. No entanto, podem cantar um grande repertório de músicas e decorar poesias (APA, 1994).

As características de crianças autistas a seguir foram produzidas pela New York State Society for Autistic Children e traduzido pela Associação de Amigos do Autista (AMA), com sede em São Paulo.

- Não se mistura com outras crianças.
- Age como se fosse surdo.
- Resiste ao aprendizado.
- Não demonstra medo em perigos reais.
- Resiste à mudança de rotinas.
- Usa pessoas como ferramenta.
- Risos e movimentos não apropriados.
- Resiste a contato físico.
- Não mantém contato visual.
- Apego não apropriado a objeto.
- Às vezes é agressivo e destrutivo.
- Comportamento indiferente e arreadio.

Considerando a presença de um conjunto das características, pontuadas acima em uma criança autista, podemos inferir sobre a possibilidade de fatores impactantes no ambiente familiar ou escolar onde a criança convive rotineiramente. Tais impactos consequentes de situações atitudinais e comportamentais do autista refletem-se no relacionamento não interativo entre o autista e o seu interlocutor, seja familiar e/ou escolar; podendo agravar-se pela ausência de conhecimento sobre as características comportamentais da criança autista e o entendimento de como lidar com tais situações.

2 Impacto do autismo infantil na família

Diante de um quadro de autismo no ambiente familiar, as consequências desse transtorno para os pais e parentes que cuidam do paciente podem ser extremamente prejudiciais. Schimdt e Bosa (2003) afirmam existirem características próprias do comportamento de uma criança autista; as quais somadas à severidade dessa anomalia podem

constituir estressores em potencial para familiares e/ou cuidadores. Neste sentido, o impacto deste fenômeno envolve uma série de fatores interatuantes, tanto no seio familiar quanto extrafamiliares. Tais impactos podem afetar a família ao longo do seu ciclo vital, levando-a ao fator nomeado por muitos estudiosos como “estresse parental ou familiar”.

Para Lipp (2000), “o estresse é uma reação do organismo em frente das situações extremamente difíceis e excitantes, provocando transformações psicológicas, físicas e químicas no organismo, podendo provir de fontes internas ou externas”.

De acordo com Lipp e Guevara (1994), indubitavelmente, as famílias que se encontraram em circunstâncias especiais, promotora de mudanças nas atividades de vida diária e no funcionamento psíquico de seus membros; veem-se diante de uma sobrecarga de tarefas, preocupações e cuidados especiais que podem provocar situações potencialmente indutoras de estresse e tensão emocional.

O estresse pode provocar sintomas físicos e psicológicos nos cuidadores diretos, e estudos recentes apontam que irmãos de crianças autistas são também diretamente afetados pelo impacto da enfermidade. Ainda Lipp e Guevara (*idem*) ressaltam que os possíveis efeitos psicológicos da reação do estresse são: ansiedade, pânico, tensão, angústia, insônia, alienação, dificuldades interpessoais, crise existencial, excesso de preocupação, dificuldade de concentração em assuntos que não se refere ao estressor, isolamento, tédio, ira, depressão, perda acentuada do desejo de participar de eventos e lazer.

Em função dos distúrbios de comportamento da criança autista, o grau de preocupação dos pais em relação ao bem-estar físico e psíquico, social e da linguagem da criança (falta de habilidade de socializar-se e tendências agressivas com os membros de sua família), acaba acarretando alto grau de estresse dos pais, mais especificamente àquela pessoa que passa mais tempo com o portador do autismo, como é o caso das mães. Dessa forma, elas acabam se tornando o alvo principal de problemas psicossociais.

Bignomotto (2000) diz que mães de crianças autistas apresentam mais estresse do que o pai. A explicação para isso é justamente o grau de responsabilidade das mães em relação ao problema, que é muito maior que o dos pais, pois estas se envolvem muito mais com as crianças,

acarretando a elas um grande prejuízo, não só na carreira profissional, como também na saúde mental e emocional. Já para os pais estas consequências são minimizadas por sua ausência rotineira no ambiente familiar, por geralmente estar mais envolvido com seu trabalho. Em todo caso, é indispensável a todos que se relacionam com sujeitos autistas o conhecimento, tanto das características do transtorno autista como dos princípios que permitem enfrentar o autismo infantil.

3 Proposições para o enfrentamento do autismo infantil

Neste item apresentamos proposições baseadas em princípios atitudinais e comportamentais para os pais ou cuidadores interessados em atuar no enfrentamento do transtorno autista infantil que podem servir de parâmetros para minimizar impactos em ambientes sociais, na família ou escola.

As características típicas do transtorno autista podem acometer os familiares e/ou cuidadores diretos desse indivíduo, levando-os ao nomeado por muitos estudiosos como estresse parental ou familiar. Neste sentido, podemos assegurar que um dos grandes desafios consiste em como cuidar de pais que são vítimas desse fenômeno. Contudo, já existem alternativas que tratam o estresse familiar proveniente desse transtorno, em que se sugere um modelo que contemple as diversas variáveis envolvidas nesse processo.

Atualmente não se tem uma receita pronta ou uma linha definitiva e eficaz para a cura desse problema. Especialistas recomendam que quanto mais cedo se identifique o autismo, mais eficaz será o tratamento e, em alguns casos, a sua relativa recuperação, preparando a criança para um convívio social, haja vista quando adultos ainda conservam características autistas. As que se recuperam ou obtêm uma melhora sensível são descritas por seus parentes ou patrões como indivíduos meticolosos e dedicados a seu trabalho, porém inibidos na formação de relações íntimas.

Dentre muitos fatores que podem atenuar o impacto do autismo na família está a identificação precoce da doença, que, segundo Savóia (1999), as estratégias de enfrentamento diante do estresse familiar têm as seguintes funções: uma voltada para o problema, quando há uma mudança

nas relações entre pessoas e ambiente; e outra centrada na emoção, em que sua finalidade é adequar a resposta emocional ao problema. Desse modo, temos que a construção dessas estratégias de enfrentamento é extremamente relevante para superação de tais problemas, tanto no sentido da redução de sintomas nos filhos, como na diminuição da sobrecarga emocional dos pais, como podemos ver a seguir.

O aconselhamento informativo é uma atitude que consiste na identificação precoce do problema diagnosticado por um profissional da área, que a partir de então, os pais, não só se tornam conhecedores das possibilidades e limites de suas crianças autistas, mas também passam a interagir com outros pais, manifestando um sentido crescente de otimismo nas interações estabelecidas em casa e na comunidade escolar, por exemplo.

Programas de treinamento de pais, para Pereira (2001), é um modelo de treinamento focado no ensinamento de respostas centrais de motivação e responsividade para variadas situações que resultam na demonstração de interações entre pais e filhos. Avaliados como positivos, tais princípios estratégicos revelam que os pais passaram a se interessar mais pela interação com seus filhos, o que torna menos estressante o caráter da comunicação familiar. Segundo Pereira (*idem*), o resultado dessa estratégia resulta positivamente na redução do estresse dos pais.

Outra forma de minimizar o estresse na família é o uso de medicamentos em crianças portadoras do autismo, os quais proporcionam uma considerável melhora na função psicomotora e nos comportamentos descontrolados da criança, além de reverter a falta de sensibilidade social e de comunicação. Nesse caso, o benefício do tratamento reflete de forma positiva nos pais e no filho doente.

O suporte social tem sido um importante aliado na dinâmica familiar da criança autista, que, segundo Bosa (2002), com o acesso à assistência profissional competente, bons programas educacionais, estilo de vida familiar confortável e acesso à ajuda de uma pessoa especializada para desempenhar o papel de ajudante na família, é eficaz no enfrentamento do problema.

É importante destacar que altos níveis de apoio social resultaram em menores índices de estresse no ambiente familiar e também na redução dos problemas conjugais. Concordamos com Amy (2001) quando relata

que é importante a inclusão de crianças autistas em atividades fora de casa, que serviços tradicionais de apoio familiar, como aconselhamento, terapia de casal e treinamento dos pais, são atitudes significativas para auxiliar a família no melhor entendimento do problema e no enfrentamento das restrições comportamentais da criança em casa.

Para Pereira (2001), a identificação da gravidade do transtorno da criança (estresse), o suporte social da mãe e o lugar de controle percebido por ela foram significantes no ajustamento familiar. O ajuste familiar foi muito positivo quando o evento estressor externo da gravidade do problema se tornou menos severo e quando houve maior suporte social. Assim sendo, as dificuldades de criação da criança autista foi menos problemática.

Prado (1999), ao tentar estudar e compreender o transtorno do autismo, verificou que os meios de comunicação utilizados em família com crianças autistas, por meio da psicoterapia com a criança, concomitantemente à terapia familiar psicanalítica, culminou em mudanças quando a comunicação se abriu para a mãe, permitindo contato mais direto com sua realidade psíquica, o que resultou na retomada do desenvolvimento do filho.

Deste modo, é possível afirmar que o atendimento psicoterápico para os dois pode ser entendido, primeiro pela adaptação da mãe ao tomar consciência dos transtornos ocasionados exclusivamente pelo autismo, e, segundo, pelo enfrentamento em potencial do problema pela mãe, no sentido de entender a criança em situações que incluem fatores estressantes no convívio com uma criança autista. Nesse sentido, Pereira (2001) relata um processo psicoterápico em que a terapeuta ajudou a mãe a entender as comunicações e as necessidades diárias da criança. Tal processo consiste na possibilidade de a criança principiar o desenvolvimento da linguagem como uma opção de alcance de sua mãe em uma via simbólica, e para sair do sistema de defesa autista na qual ela se refugiava (PEREIRA, 2001).

Portanto, podemos inferir que o atendimento terapêutico das famílias como forma estratégica de tratamento pode propiciar resultados positivamente esperados e exitosos, de forma que a ambiência familiar ou escolar pode fazer sentido para a criança, além de aceitar que as próprias diferenças da criança autista podem ser contornáveis pela adoção de

princípios atitudinais e comportamentais dos pais, irmãos, professores entre outros.

Considerações finais

Como procuramos pontuar, o autismo é um tipo de distúrbio comportamental ainda pouco conhecido por pessoas e instituições socioeducativas, distúrbios que levam a transtornos que afetam principalmente as crianças.

É preocupante que alguns setores sociais, como as instituições familiar, escolar e governamental, não tenham dado a devida importância ao assunto ao colocar em segundo plano, por exemplo, ações e princípios que podem minimizar transtornos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem em ambiência escolar e familiar.

De um lado, o paciente tem prejuízo nessa interação socioeducativa, devido à dificuldade em ser compreendido na ausência de comunicação interativa com seus pais, pelo desconhecimento das características de uma criança autista e pela falta de preparo para o enfrentamento dessa situação. Vimos que uma criança autista apresenta desinteresse em relação às situações normais do cotidiano, como movimentos e comportamentos estereotipados, apego inapropriado a objetos, falta de consciência em relação à existência dos outros, dentre outros sintomas.

Por outro lado, os pais ou cuidadores diretos têm o seu cotidiano afetado pela presença de uma criança autista na família, podendo chegar a um ponto elevado de estresse, em que, na maioria das vezes, a família não conseguindo identificar o problema precocemente não saberá como lidar com situações comportamentais do sujeito autista, daí a importância de se consultar um especialista no assunto diante de sintomas característicos do autismo. Quanto mais precoce o tratamento maiores as chances de melhora do paciente e dos cuidadores diretos.

A possibilidade da identificação desse distúrbio por meio de suas características pode amenizar a gravidade posta em evidência no relacionamento familiar e social e evitar sérias consequências, tanto no paciente quanto nas pessoas que diretamente se relacionam com o portador do autismo.

Dessa forma, as estratégias de enfrentamento pelos pais, o suporte social, o uso de medicamentos pelas crianças e os programas de treinamento dos pais são fortes aliados, tanto para a diminuição dos sintomas apresentados pelas crianças como para a redução do nível de estresse dos pais.

Portanto, consideramos que, além dos aconselhamentos, das orientações, do apoio social por meio das instituições de atendimento às crianças, principalmente pelos trabalhos terapêuticos como alternativas para se obter o sucesso no tratamento do problema, é extremamente necessário que o poder público nas esferas federal, estadual e municipal imprima ações que articulem políticas públicas educacionais e familiares para o melhor atendimento das famílias que são acometidas pelo transtorno autista.

REFERÊNCIAS

AMY, M. D. **Enfrentando o autismo:** a criança autista, seus pais e a relação terapêutica. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **DSM-IV, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** 4ª ed. Revisada; Trad. D. Batista. Porto Alegre: Art Med., 1995.

BIGNOMOTTO, M. **O papel dos pais na prevenção do estresse infantil.** In: LIPP, M. (Org.). Crianças estressadas. Campinas: Papyrus, 2000.

BOSA, C. **Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo.** Psicologia: reflexão e crítica. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

LIPP, M. E. N.; GUEVARA, A. J. **Validação empírica do inventário dos sintomas de stress.** Campinas: Papyrus, 1994.

LIPP, M. O estresse da criança e suas consequências. In: LIPP, M. (Org.). **Crianças estressadas.** Campinas: Papyrus, 2000.

LUCARELLI, M. O Diagnóstico do Estresse Infantil. In: LIPP, M. (Org.). **Crianças Estressadas.** Campinas: Papyrus. 2000.

MANUAL DE DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICA DE DISTÚRBIOS MENTAIS (**DSM-IV**). 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10:** Descrições Clínicas e diretrizes diagnósticas. Trad. D. Caetano. Porto Alegre: Artes Médicas Ltda., 1993.

PEREIRA, A. M. S.. **Resiliência, personalidade, stress e estratégia de coping.** In: TAVARES, J. (Org.). Resiliência e educação. São Paulo: Cortez, 2001.

PRADO M. C. C. **Entrando em Contato com o Mundo da Família Autista:** em busca de meios de comunicação. Informe Psiquiátrico, 1999.

SAVÓIA, M. G. Escalas de eventos vitais e de estratégias de enfrentamento (coping). **Revista de Psiquiatria Clínica,** 1999.

SCHIMDT, C.; BOSA, C. Investigações do Impacto do Autismo na Família: revisão crítica da literatura e a proposta de um novo modelo. **Interação em Psicologia,** 2003.

SCHWERTZ, A. **Tomada de Perspectiva na Relação Pais-Filhos Adolescentes.** Dissertação de Mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.